

Comunidades Imaginadas

Nação e Nacionalismos
em África



Coordenação

Luís Reis Torgal
Fernando Tavares Pimenta
Julião Soares Sousa

Comunidades Imaginadas

Nação e Nacionalismos
em África

Coordenação

Luís Reis Torgal
Fernando Tavares Pimenta
Julião Soares Sousa

Coimbra • 2008



COORDENAÇÃO EDITORIAL
Imprensa da Universidade de Coimbra
Email: imprensauc@ci.uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc

CONCEPÇÃO GRÁFICA
António Barros

PAGINAÇÃO
Paulo Oliveira
[PMP]

EXECUÇÃO GRÁFICA
????????????????

ISBN
978-989-8074-57-7

DEPÓSITO LEGAL
????????????????

OBRA PUBLICADA COM A COLABORAÇÃO DE:



OBRA PUBLICADA COM O APOIO DE:

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR Portugal

Apoio do Programa Operacional Ciência, Tecnologia, Inovação
do Quadro Comunitário de Apoio III

EDUARDO MONDLANE E A LUTA PELA INDEPENDÊNCIA DE MOÇAMBIQUE

“Como todo o nacionalismo africano, o de Moçambique nasceu da experiência do colonialismo europeu. A fonte de unidade nacional é o sofrimento comum durante os últimos cinquenta anos sob o domínio português”.

(Excerto da obra de Eduardo Mondlane, *Lutar por Moçambique*, Lisboa, Sá da Costa Editora, 1975, p.87).

Eduardo Mondlane constitui um marco importante no estudo das origens dos movimentos de libertação em África e um testemunho indispensável para o conhecimento da história do processo de formação da Frente de Libertação Nacional de Moçambique – FRELIMO – de que foi primeiro Presidente a 28 de Setembro de 1962. A sua vida e a sua obra são fundamentais para o conhecimento das origens do moderno nacionalismo na elite política africana, bem como na compreensão do processo de formação do movimento independentista que conduziu à luta de libertação nacional de Moçambique e à sua Independência a 25 de Junho de 1975.

O percurso político e ideológico tem início em 1920, anos de profunda génese do movimento nacionalista em Moçambique, até finais da década de sessenta, quando se inicia a luta armada de libertação nacional/guerra colonial e se dá a morte inesperada de Eduardo Mondlane em Dar-es-Salam, a 3 de Fevereiro de 1969.

A problemática nacionalista apresenta cada vez mais importância e actualidade, quando hoje se debate o tema respeitante às ideologias das independências africanas, como sejam as múltiplas formas de resistência à exploração e dominação colonial, convergindo, a mais longo prazo, na emergência de uma consciência de identidade nacional.

Podemos afirmar, em termos gerais, que o pensamento político de Eduardo Mondlane é o resultado da confluência de diversos factores: as influências internas que resultam do meio social e cultural em que está inserido; as influências externas decorrentes da conjuntura política, económica e social internacional, que vão variando consoante os espaços e os tempos em que se move e actua; a influência que o próprio Eduardo Mondlane cria, resultante do posicionamento crítico e activo deste líder nacionalista.

Eduardo Chivambo Mondlane nasceu numa pequena aldeia do distrito de Manjacaze, província de Gaza, no sul de Moçambique, em 1920. Descendia de uma família de chefes tradicionais e de uma linhagem com origens que remontam ao período de ocupação colonial no século XIX¹. O pai, um regente da linhagem de Khambane, morreu quando ele era ainda muito pequeno. Até aos 13 anos a sua educação esteve entregue à mãe que era igualmente filha de uma família nobre e que parece ter tido uma influência muito importante no seu desenvolvimento espiritual e na sua personalidade. Dela recebeu uma educação tradicional, enraizada nas façanhas dos seus antepassados guerreiros. A cultura africana tradicional está associada ao processo de formação ideológica e teve repercussões de vária índole no carisma do líder nacionalista. A geografia e a antropologia política do sul de Moçambique, dos seus agrupamentos étnico-linguísticos, da sua economia, das suas relações políticas de dependência e de linhagem são uma resposta à questão actual das origens das elites políticas. É, aliás, no seio da sua família e da experiência diária vivida num grupo de pequenos pastores, que aprende as primeiras regras de ajuda mútua, da cooperação e da submissão às hierarquias, o papel de dirigente e o valor da amizade².

Na década de 1920 a 1930, Moçambique foi marcada por convulsões políticas, económicas e sociais de vária ordem. O golpe militar em Lisboa, em 1926, ao instaurar a Ditadura Militar, a definição das novas políticas do Estado Novo, particularmente depois de 1932, quando Salazar se torna Presidente do Conselho de Ministros, abre caminho a uma nova reorganização administrativa do ultramar e a uma nova relação política e económica entre Portugal e as Colónias.

Escusado será dizer que a família de Eduardo Mondlane sofreu as consequências da crise económica e social que se seguiu à Primeira Guerra Mundial, os efeitos da recessão geral dos inícios dos anos trinta e todas as políticas discriminatórias relacionadas com o colonialismo no período do Estado Novo³. Depois da morte do pai, a aldeia desintegrou-se e a família teve de lutar arduamente para suportar esta crise. As estratégias de sobrevivência levaram muitos dos irmãos e parentes para as minas da África do Sul, enquanto as mulheres permaneciam em casa, lutando pela subsistência da família⁴.

As dificuldades sentidas por Eduardo Mondlane e pelo povo moçambicano são uma consequência da ascensão do regime ditatorial ao poder, suas implicações na política governativa das colónias e rupturas criadas no aparelho político, social e económico da colónia de Moçambique.

¹ Vide CRUZ e SILVA, T. – “Eduardo Mondlane, la formazione di un leader”. *Africa e Mediterraneo*, n.º 7, 1993, pp. 84-86.

² Leia-se a obra de CLERC, André Daniel – *Chitlangou, Son on a Chief*. Westport (connecticut), Negro Universities Press, 1971.

³ Vide o artigo de CRUZ e SILVA, T. e JOSÉ, A. – “Eduardo Mondlane: Pontos para uma Periodização da Trajectória de um Nacionalista (1940-1961)”. *Estudos Moçambicanos*, n.º 9, 1991, pp. 73-122.

⁴ Leia-se a importante obra de PENVENNE, Jeanne Marie – *African Workers and Colonial Racism, Mozambican Strategies and Struggles in Lourenço Marques, 1877-1962*. Witwatersrand University Press, Johannesburg, 1995.

A ruptura começou por se fazer sentir na questão da formação e da educação do futuro líder africano. Como se sabe, o Estado Novo português, a partir de 1930, orientou a sua política colonial junto da comunidade “indígena”, no sentido de promover a sua missão “civilizadora” e “respeitadora”⁵. A política educativa rudimentar colonial procurava inculcar nas gentes africanas “a dinâmica do mundo do homem branco”, que era diametralmente oposta à cultura tradicional indígena, alicerçada numa cultura autóctone⁶. O governo colonial português vinha implementando, para além de medidas de exploração económica, toda uma filosofia de ocupação baseada no “orgulho nacional, na fé, no dever, no humanitarismo...”. Para os objectivos da exploração colonial no plano ideológico, o ensino primário rudimentar constituía uma forma de instrumentalizar o povo para o tornar mais subserviente, mais trabalhador e mais português. A Igreja Católica portuguesa cooperou como instrumento ideológico fundamental na defesa da ordem interna em Portugal e da preservação do domínio colonial⁷. Estreitamente ligada aos objectivos sócio-políticos do Estado português, a Igreja Católica foi investida de uma grande autoridade, iniciando, a partir de 1940-1941, uma campanha de expansão, concorrendo, em condições favoráveis, com as Igrejas Protestantes.

Desta forma, o ensino rudimentar em Moçambique não tinha em vista facilitar o acesso da população negra a uma educação semelhante à dos brancos e de um escasso número de assimilados. Coerente com a diferenciação institucional entre “indígenas” e “cidadãos”, com a estrutura social racialmente discriminatória e com uma prática política “indígena” que reforçava a exploração do trabalho e a reprodução da autoridade colonial, em 1930, o governo ditatorial definiu os objectivos da educação rudimentar que guiou a sua evolução nas décadas que se seguiram. Até certo ponto o objectivo principal desta política assentava na promoção desta população da sua condição “primitiva” a um estatuto de “civilizada”, por forma a tornar-se portuguesa e ser útil à sociedade⁸. Um dos instrumentos desta política iria ser a Escola Rudimentar, que todos os negros, excepto os filhos dos legalmente assimilados, tinham que frequentar⁹.

⁵ Vide o artigo de TORGAL, Luís Reis – “Muitas Raças, Uma Nação”, ou o mito de Portugal multirracial na “Europa” do Estado Novo”. In *Estudos do Século XX*, n.º 2, 2002, pp. 147-165.

⁶ CRUZ, M.B. – “O Estado e a Igreja Católica”. In: ROSAS, F., ed. *Portugal e o Estado Novo (1930-1960)*. Lisboa, Editorial Presença, 1990, pp. 201-255 (Nova História de Portugal, Vol.12).

⁷ Sobre o papel desempenhado pela Igreja Católica nas colónias leia-se a obra de GOUVEIA, T.C. – *As Missões Católicas Portuguesas em Moçambique*. Lourenço Marques, Tipografia Guardian, 1960 e o artigo de HEDGES, D. - “Educação, Missões e Ideologia Política de Assimilação, 1930-1961”. *Cadernos de História*, n.º 5, 1985, pp. 41-73.

⁸ Vide AZEVEDO, A. – *Relance sobre a Educação em África: fundamentos e perspectivas*. Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar, Centro de Estudos Políticos e Sociais, 1963. (Estudos de Ciências Políticas e Sociais, n.º 69) e do mesmo autor *Política do Ensino em África*. Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar, Centro de Estudos Políticos e Sociais, 1963. (Estudos de Ciências Políticas e Sociais, n.º 69).

⁹ Vide FERREIRA, E.S. – *Le Colonialisme Portugais en Afrique: La fin d'une ère*. Paris: Les Presses de l'UNESCO, 1974. Para mais informações sobre Ensino Rudimentar, ver: RAUL, V. – *O Impacto do Ensino Rudimentar nas Zonas Rurais de Moçambique, 1930-1960*. Trabalho de diploma, licenciatura em História. Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 1995.

Pelo contrário, para os presbiterianos, a escola, a educação da juventude e a família eram considerados pontos vitais na realização do seu trabalho e, como é evidente, também para a divulgação da Igreja¹⁰. Deste modo, a sua capacidade para poder responder à permanente evolução da situação política assentava na forma como as gerações mais jovens eram educadas. Eduardo Mondlane participou, activamente, nesse processo de “reconstrução” educativa, tornando-se mais tarde um importante activista e instrutor de jovens. A Missão Suíça introduziu nos anos de 1930 um tipo de educação não formal da juventude, os *mintlawa*¹¹ que serviu para desenvolver muitos dos aspectos culturais de uma forma ideologizada, ao contribuir para o estímulo da autoconfiança e das competências individuais nos jovens moçambicanos¹². Desta forma, se, por um lado, a religião desempenhou um papel importante no desenvolvimento de uma identidade étnica, em que a difusão do Evangelho e a educação não formal estimularam o uso de alguns aspectos da cultura tsonga e, especialmente, o uso do vernáculo, por outro lado, a influência da educação familiar, uma perspectiva mais vasta do universo e os contactos interculturais, construídos através dos *mintlawa*, geraram uma identidade mais multifacetada apoiada nas raízes africanas mas não ligada a um grupo étnico em particular. A Missão Suíça terá encorajado o desenvolvimento de uma consciência “africana” mais alargada que a consciência “étnica”, desenvolvendo um conceito e uma perspectiva nacional em contraposição à perspectiva local, fomentando a luta ideológica perante a opressão portuguesa. O pensamento de Eduardo Mondlane é fruto desta influência protestante, quer enquanto estudante na missão, quer posteriormente, como pastor e catequista.

É como catequista e pastor protestante da Missão Suíça que se abre uma nova etapa no processo de formação política e ideológica em Mondlane. É em Lourenço Marques que teve de enfrentar os problemas inerentes a uma grande cidade, em que a diferenciação entre ricos e pobres era mais vincada. Teve, igualmente, que suportar os problemas do dia a dia associados com o seu estatuto de homem negro, com discriminação por todo o lado, o uso obrigatório da “caderneta indígena” e outras barreiras de classe e cor. Eduardo Mondlane não terá sido alheio a estes problemas, motivados pela política discriminatória e repressiva do Estado Novo¹³. Como africano que era, apercebeu-se bem da política colonialista, e é talvez neste período que decide

¹⁰ Vide CHAMANGO, S. – *História da Igreja Presbiteriana de Moçambique*. Maputo, 1987, mimeo; HELGESSON, A. – *The Tshwa Response to Christianity: study of the religious and cultural impact of Protestant Christianity on the Tshwa of southern Mozambique*. M.A. Dissertation. University of Witwatersrand, 1971.

¹¹ *Mintlawa* – Nos anos de 1930 a Missão Suíça começou a organizar um programa especial de educação para jovens na tentativa de superar as barreiras existentes contra o seu trabalho nas áreas sociais, para garantir um bom relacionamento com a geração mais jovem e para recrutar novos membros, mantendo ao mesmo tempo a integração da igreja nas comunidades locais. O resultado do seu trabalho foi a institucionalização de um sistema de educação para jovens chamado *mintlawa* (singular de *ntlawa*, uma palavra tsonga que significa grupos).

¹² Leia-se a obra de HELGESSON, A. – “Catholics and Protestants in a clash of interests in Southern Africa”. In HALLENCREUTZ and PALMBERG, M., eds. *Religion and Politics in Southern Africa*. Uppsala, The Scandinavian Institute of African Studies, 1991, pp. 194-206.

¹³ Leia-se a obra de CRUZ e SILVA, T. – *Igrejas Protestantes e Consciência Política no Sul de Moçambique: O Caso da Missão Suíça (1930-1974)*. Maputo, Promédia Editora, 2001, pp. 146-147.

enveredar por um combate político firme pelos “direitos do seu Povo”¹⁴. É muito natural que o contacto que manteve com a população moçambicana, que habitava os bairros periféricos da grande cidade, o tenha feito tomar consciência dos problemas e dificuldades quer ao nível social e político, quer mesmo sob o aspecto económico. É, igualmente, provável, que em Lourenço Marques tenha assistido aos conflitos sociais, motivados pela crise económica da década de 1930, à divisão do movimento associativo e político, à agudização da tensão política e da repressão a partir de 1935. É também neste período que toma conhecimento da actividade política e cultural do Grémio Africano de Lourenço Marques – GALM – e contacta com intelectuais que fizeram parte da segunda fase do movimento “nativista”.

Depois de Lourenço Marques e no desejo ardente de aprender mais e de prosseguir os seus estudos, Mondlane foi enviado por André Daniel Clerc para a Missão Metodista Episcopal, na província de Inhambane, onde os missionários pretendiam introduzir a experiência presbiteriana de educação informal, pelo método dos grupos de jovens. Em Cambine, na província de Inhambane, por volta de 1939/1940, frequenta um curso de agricultura e lá introduz a experiência de trabalho com os jovens, os *mintlawas*. A troca de ideias e de influências com os grupos de negros que tinham feito estudos na Rodésia, a participação em vários encontros da Missão Metodista, fizeram-no tomar consciência de uma realidade mais abrangente, que não se circunscrevia ao seu País mas que tinha efeitos numa realidade da África Austral¹⁵. É também notória neste período, a sua preocupação a respeito das leis coloniais que controlavam a população “indígena” e sobre os pesados impostos a pagar, sob pena de ser preso. Nesta época, Mondlane assiste à intensificação da exploração do trabalho rural, à reorganização e aumento dos impostos, ao reforço do controlo sobre o trabalho através dos régulos e cipaiois, ao controlo permanente da administração sobre a produção agrícola e à crescente exploração do campesinato¹⁶.

Em 1944, com uma bolsa da Igreja Metodista, partiu para a África do Sul, onde fez os estudos secundários na Escola da Missão de Lemana, no norte do Transval, trabalhando ao mesmo tempo como catequista. Na África do Sul conseguiu conciliar os seus estudos com as suas actividades religiosas. Eduardo Mondlane ao desenvolver a sua actividade como catequista na África do Sul, alargou consideravelmente os seus horizontes e o seu conhecimento político no contexto da África Austral. Além de aprofundar os seus estudos secundários na Escola da Missão Suíça no Transval, vivenciou acontecimentos como a crise económica e social que se seguiu ao fim da Segunda Guerra Mundial. O desemprego de trabalhadores brancos, a crescente militância dos trabalhadores negros, que se manifestou, especialmente, na greve dos ferroviários da Rodésia do Sul, em 1945, e na grande greve dos mineiros da África do

¹⁴ Vide a obra de SHORE, Herbert – “Resistance and Revolution in the Life of Eduardo Mondlane”. In: MONDLANE, E. - *The Struggle for Mozambique*. Londres, Zed Press, pp. xiii-xxxi.

¹⁵ Vide o artigo de HAWLEY, Edward A. – “Eduardo Chivambo Mondlane (1920-1969): A personal memoir”. In: *Africa Today*, Denver, Vol. 26, n.º 1, 1979, pp. 19-24.

¹⁶ Leia-se o artigo de HEDGES, D. e ROCHA, A. – “O Reforço do Colonialismo, 1930-1937”. In: HEDGES, D., ed. *História de Moçambique: Moçambique no auge do Colonialismo, 1930-1961*. Maputo, Departamento de História, Universidade Eduardo Mondlane, 1993, pp. 35-82, Vol. 3.

Sul, em 1946, foram experiências positivas para o nacionalista africano se aperceber da realidade política e económica da África Austral. Durante a sua estadia na África do Sul, Mondlane realizou viagens no período de férias e aproveitou para visitar diferentes regiões do país, abrindo os seus horizontes e aprendendo muito sobre a estrutura social e política sul-africana¹⁷.

Esta participação na vida política e cívica na África do Sul é também o resultado da influência das doutrinas pan-africanas difundidas com muita intensidade em África, na primeira metade do século XX. O nacionalista africano tomou conhecimento das doutrinas relacionadas com o Renascimento Negro e da Negritude, através do contacto que estabeleceu com moçambicanos organizados em associações na África do Sul. Estes contactos deram-lhe consciência das dificuldades que estes sentiam perante um regime opressor e punitivo incentivaram-no a uma luta de libertação para o seu país. Aliás, o seu envolvimento na Liga da Juventude do Congresso Nacional Africano (ANC) parece ter desempenhado um papel importante no amadurecer da sua consciência política. A qualidade do seu trabalho como estudante e missionário levou a que fosse eleito presidente da Associação de Estudantes Cristãos, no ano académico de 1946¹⁸.

No final de 1948, Mondlane regressa a Moçambique com a experiência vivida no seio das associações de estudantes da África do Sul e o seu conhecimento pessoal do Congresso Nacional Africano (ANC). Estabelece contactos e reuniões informais com amigos e estudantes da escola secundária, a maioria dos quais membros do Centro Associativo dos Negros de Moçambique (CAN)¹⁹, alguns com antecedentes de educação missionária, presbiteriana ou metodista. Em finais de 1948, Mondlane e outros colegas decidem organizar uma associação de estudantes, o Núcleo de Estudantes Secundários Africanos de Moçambique (NESAM). Esta associação foi desde os primeiros tempos colocada sob suspeita pelas autoridades coloniais e Mondlane é detido para interrogatórios nos princípios de 1949. Regressa à África do Sul e nesse mesmo ano a NUSAS (União Nacional dos Estudantes Sul Africanos) elegeram-no como representante a uma conferência na Cidade do Cabo, o que atesta, por si só, o prestígio que já gozava entre os seus colegas e amigos²⁰.

Em 1948 o Partido Nacional de Malan ganhou as eleições na África do Sul e introduziu abertamente as normas políticas do *Apartheid*. Devido a esta situação, a autorização de residência não lhe foi renovada a partir de Junho de 1949. Apesar da pressão exercida pelo NUSAS e pelo CAN e de outras personalidades a favor de Mondlane, este foi obrigado pelo governo a abandonar a África do Sul.

Entre o seu regresso da África do Sul (1949) e a sua partida para Lisboa (1950), para continuação de estudos, Mondlane esteve intensamente activo na Missão Suíça,

¹⁷ Vide SPARTACUS – “Mondlane: Seus primeiros dias na África do Sul”. In: BRAGANÇA, Aquino de, WALLERSTEIN, Immanuel – *Quem é o inimigo?*, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1978, pp. 40-44.

¹⁸ CRUZ e SILVA, T. – “Eduardo Mondlane: Pontos para uma Periodização da Trajectória de um Nacionalista (1940-1961)”, *Estudos Moçambicanos*, Maputo, n.º 9, 1991, pp. 73-122.

¹⁹ Vide ROCHA, Aurélio – *Associativismo e Nativismo em Moçambique: Contribuição para o Estudo das Origens do Nacionalismo Moçambicano (1900-1940)*. Maputo: Promédia Editora, 2002.

²⁰ Vide o artigo “Eduardo Mondlane, arquitecto da unidade: O itinerário exemplar dum herói moçambicano”. In: *Domíngos*, Maputo, ano 3, n.º 71, 5 de Fevereiro de 1984, pp. 6-7.

trabalhando nas campanhas de alfabetização e ajudando André Daniel Clerc. Em Lourenço Marques, a polícia deteve-o novamente para interrogatórios antes da sua partida para Lisboa, embora apenas por umas horas. Pretendiam saber até que ponto ele estaria influenciado pelo desenvolvimento dos movimentos políticos em África²¹.

A etapa seguinte prende-se com a “emergência da consciência política” de Eduardo Mondlane, tomando como referência as influências que recebeu em Portugal e nos Estados Unidos da América. Em termos cronológicos, este período está compreendido entre os anos de 1950 e de 1956. Neste período recebe influências políticas e orgânicas de diferentes organizações e associações.

Na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa cursou Histórico-Filosóficas e manteve contactos importantes com Agostinho Neto, Marcelino dos Santos, Mário Pinto de Andrade, Amílcar Cabral e outros estudantes das colónias portuguesas. Neste encontro com a juventude africana, Eduardo Mondlane fez parte do grupo de alunos que frequentaram a Casa dos Estudantes do Império (CEI) e partilhou experiências no meio africano português. Para além da Casa dos Estudantes do Império (CEI), recebeu influências políticas e associativas por parte do Centro de Estudos Africanos (CEA), do Clube Marítimo Africano (CMA) e da Casa de África (CA), todos eles sediados em Lisboa. Certo é que estas associações, pelo seu carácter interventivo e pelo facto de congregarem sob o mesmo tecto estudantes, intelectuais e homens de trabalho, constituíram locais de reflexão e de partilha de experiências que, posteriormente, irão assumir postos de direcção nos movimentos de libertação das colónias portuguesas²². Na sua passagem por Portugal, Mondlane toma consciência de um regime ditatorial que oprime o povo português e recebe influências políticas de diversas organizações. Muitos dos futuros dirigentes dos movimentos de libertação em África fazem a sua iniciação nas fileiras políticas da esquerda comunista, ou são enquadrados em organizações como o MUD Juvenil e o Movimento pela Paz.

Em 1951, com uma bolsa do Fundo Phelps-Stokes, de Nova Iorque, Mondlane iniciou os seus estudos em Antropologia e Sociologia, na Universidade de Oberlin (bacharelato) e mais tarde, na Universidade de Northwestern (mestrado e doutoramento), nos Estados Unidos da América. Os primeiros contactos com os Estados Unidos tinham sido em Hartford, onde passou algum tempo a apoiar especialistas de estudos da fonética bantu²³. A correspondência mantida com André Daniel Clerc é um testemunho das suas imensas ocupações, repartidas entre os seus estudos universitários e um grande número de conferências e reuniões onde participava, fazia discursos e palestras sobre Moçambique e sobre África, muitos deles em círculos cristãos. Durante a estadia nos Estados Unidos teve a oportunidade de conhecer pessoas de vários quadrantes do universo político, de trocar experiências. Em 1952 foi convidado a representar África numa conferência da UNESCO em Nova Iorque, sobre os problemas dos países

²¹ Leia-se o artigo de DIMENE, Albino – “Eduardo Mondlane enviado de Deus”. In: *Demos*, Maputo, n.º 235, 14 de Abril de 1999, pp. 10-11.

²² Vide MATEUS, Dalila Cabrita – *A Luta pela Independência: A Formação das Elites Fundadoras da FRELIMO, MPLA e PAIGC*. Mem Martins, Editorial Inquérito, 1999.

²³ Vide o artigo de MANGUEZI, Nadja – “Eduardo Mondlane nos Estados Unidos da América (1951-1961)”. In: *Estudos Moçambicanos*, Maputo, n.º 17, 1999, pp. 7-34.

subdesenvolvidos e dependentes. Nos Estados Unidos, Mondlane aproximou-se da Igreja Metodista, com a qual também havia trabalhado em Moçambique, durante os anos da sua formação. Estabeleceu contactos com a família Randall e com algumas figuras proeminentes dos metodistas como, por exemplo, Dorothy Nylander e Ralph Dodge. Na Universidade de Oberlin fez um outro amigo, Ed. Hawley, um pastor da congregação que veio a desempenhar, junto dele, um papel importante para o resto da vida. Hawley era uma pessoa aberta, cujo ponto de vista em relação à religião era tudo menos sectário. Envolvia-se em discussões sobre todas as raças e com os comunistas.

Em Junho de 1953, Eduardo Mondlane graduou-se como “bacharel” em Sociologia na Universidade de Oberlin. Entre 1954 e 1955 obteve o posto de assistente na Universidade de Northwestern e depois foi para Harvard como investigador. É neste período que conhece a sua futura esposa, Janet Johnson. O percurso profissional de Mondlane inicia-se em 1957, quando foi nomeado oficial de investigação no Departamento de Curadorias das Nações Unidas, até 1961, quando decide abandonar o cargo que tinha nas Nações Unidas, e dedicar-se exclusivamente à causa da independência de Moçambique. O seu trabalho como funcionário deu-lhe uma experiência directa sobre a situação política do continente africano, particularmente no período em que se intensificam os esforços a fim de favorecer os processos de descolonização em todo o mundo²⁴. O conhecimento e a experiência directa de territórios como o Tanganica, os Camarões e o Sudoeste Africano, facilitam-lhe encontros com dirigentes políticos africanos, como Julius Nyerere de quem se torna amigo. Os contactos nas Nações Unidas alargaram os seus horizontes sobre os conflitos em curso, e reforçaram as suas ideias sobre a necessidade de combater o colonialismo e a dominação política em Moçambique²⁵.

Nos inícios dos anos de 1950 havia apenas quatro países independentes em África (Egipto, Etiópia, União Sul Africana e Libéria). O estímulo da expansão da economia mundial depois de 1945 e os processos de descolonização que lhe estavam associados levam a que no período de 1956 a 1962 se assista à independência de muitos territórios africanos. Sabe-se, igualmente, que o processo de descolonização nas colónias portuguesas, se, por um lado, ia ao encontro dos interesses políticos e económicos dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha e da França, por outro, era contestado pela dinâmica da política dos colonos brancos que pretendiam reforçar o seu domínio exclusivo na África Austral. Na África do Sul, depois de 1948, o Partido Nacional Afrikaner desenvolveu um programa de *Apartheid*; em 1965 o regime branco da Rodésia do Sul proclamou a Declaração Unilateral de Independência (UDI), quando era ainda uma colónia britânica. Em Angola e Moçambique os colonos brancos, cujo número tinha crescido rapidamente a partir dos finais dos anos de 1940, também se sentiram ameaçados pelas mudanças políticas. Portugal, porque desempenhava um papel económico mais fraco em relação às outras potências coloniais, tinha fortes

²⁴ AAVV. Statement made on 10 December 1965 by...before the 1584th, meeting of the Fourth Committee of the General Assembly of the United Nations, mimeo. Compreende 22 documentos. Leia-se, igualmente, o artigo de MONDLANE, Eduardo – “Ce n’est pas Lisbonne qui rendra justice au Mozambique”. In: *Jeune Afrique*, Paris, n.º 160, 2-8 de Dezembro, 1963, p. 19.

²⁵ Leia-se o artigo de MONDLANE, Eduardo – “La lutte pour l’indépendance au Mozambique”. In: *Présence Africaine*, Paris, n.º 48, 1963, pp. 8-31.

razões para reear as novas mudanças políticas e tentar reforçar o controlo sobre os seus territórios.

Em 1961, quando trabalhava para as Nações Unidas, visitou Moçambique²⁶. Na província do Maputo visitou a capital colonial, Lourenço Marques, e o Seminário Unido de Ricatla; em Gaza foi a Xai-Xai, Manjacaze e Maússe; em Inhambane visitou Cambine e Chicúque. Encontrou-se com velhos amigos, antigos colegas, missionários e parentes. Durante esta estadia teve o apoio quer da Missão Suíça quer da Missão Metodista Episcopal, que lhe ofereceram alojamento e um automóvel com motorista para facilitar a visita. Em Moçambique, Mondlane testemunhou as más condições de vida das populações africanas, da sua educação, saúde e outros serviços sociais providenciados pelo governo, a diferenciação racial, a repressão política e a crise económica, tendo isso reforçado o seu comprometimento com a necessidade de lutar pelo seu país.

Nos inícios da década de 1960 surgem determinadas condições internas e externas que irão desencadear a luta armada nas colónias portuguesas. A crescente repressão dos anos 60 reduziu ainda mais o espaço para a luta política no interior do território de Moçambique. A abertura internacional ao problema africano permite a Mondlane tirar partido da fragilidade do governo colonial português que vai sofrendo vicissitudes de vária ordem no interior do regime. Em 1961, movimentos nacionalistas das colónias portuguesas reuniram-se em Casablanca a fim de formar uma comissão para analisar e coordenar os problemas comuns e a evolução política nas colónias. Como se sabe, em 1961 aumentou a repressão em todos os territórios portugueses após a revolta em Angola o que causou uma afluência de refugiados aos países vizinhos, particularmente ao Tanganica, actual Tanzânia. Estes exilados, provenientes do interior, muitos dos quais não pertenciam a nenhuma das organizações políticas já existentes, exerceram uma forte pressão para a criação de uma única frente de libertação. As próprias condições externas favoreceram a unidade. A CONCP realizada em Casablanca em 1961 e na qual a UDENAMO estava representada, fez um apelo vigoroso à unidade dos movimentos nacionalistas. Os contributos dados por alguns dirigentes políticos, como o Presidente do Gana, Kwame Nkrumah, também apoiou a formação de frentes unidas, e, no Tanganica, o próprio Julius Nyerere exerceu uma influência pessoal sobre os movimentos sediados no seu território com vista à unificação.

Depois da sua breve passagem pelos Estados Unidos da América, Eduardo Mondlane demitiu-se do cargo das Nações Unidas e aceitou um lugar temporário na Universidade de Siracusa em Nova Iorque. Tendo aceite o convite dos partidos moçambicanos no exílio, mantendo inclusive correspondência e contacto permanente com todos os movimentos, Mondlane participou numa conferência em Dar-es-Salam em 1962, data da fundação da FRELIMO. Já comprometido com a necessidade de lutar por Moçambique, bem como pelo resto da África Austral, Mondlane aceitou uma posição de direcção na FRELIMO e foi eleito Presidente a 28 de Setembro de 1962²⁷.

²⁶ Vide a entrevista concedida a CHILCOTE, Ronald H. – “Eduardo Mondlane and the Mozambique struggle”. In: *Africa Today*, Denver, Vol. 12, n.º 9, 1965, pp. 4-7.

²⁷ Vide o artigo “Eduardo Mondlane, arquitecto da unidade: O itinerário exemplar dum herói moçambicano”. In: *Domingo*, Maputo, ano 3, n.º 71, 5 de Fevereiro de 1984, pp. 6-7; PAUL, J. – *Mozambique: Memoirs of a Revolution*. Harmondsworth, Penguin Books, 1975.

A FRELIMO unia três organizações nacionalistas constituídas por moçambicanos imigrados em países vizinhos de Moçambique: a União Nacional Africana de Moçambique (MANU), fundada em 1961 no Quênia, e que agrupava naturais das regiões setentrionais de Cabo Delgado, que trabalhavam nas plantações de sisal dos colonos ingleses; A União Democrática Nacional de Moçambique (UDENAMO) fundada em Outubro de 1960 no Bulawayo (Rodésia do Sul), agregando moçambicanos originários do centro e sul, radicados na Rodésia; e a União Nacional Africana de Moçambique Independente (UNAMI), fundada em 1961 na então Niassalândia, com origem na Associação Nacional Africana de Moatize, criada em Tete em 1959.

A experiência de vida, o seu profissionalismo, os apoios que recebeu provenientes de diversos quadrantes políticos, rapidamente tornaram-no líder capaz de unificar as diversas forças numa única frente comum. A criação da FRELIMO – Frente Nacional de Libertação de Moçambique – insere-se nesta luta de libertação e só pode ser equacionada se tiver em linha de conta a intransigência do regime salazarista e todo o processo de endurecimento do regime do Estado Novo e da repressão política. Ligado a todo este processo está certamente o apoio prestado nas Nações Unidas por países que abertamente apoiavam a causa da luta pela independência dos povos africanos, a sua autodeterminação. Entre 1962 e 1969, Eduardo Mondlane não parou de receber apoios políticos e logísticos para a sua guerra de libertação, discursando e trocando impressões com dirigentes políticos africanos de países já independentes e com países do campo socialista mais ligados a todo este processo. Nos congressos e colóquios realizados nesses anos, Eduardo Mondlane exprimia a sua definição de valores ideológicos para a causa africana. Na verdade, logo no 1.º Congresso da FRELIMO realizado em Dar-es-Salam, base do partido, ficaram escritos os objectivos da Revolução Nacional: consolidação e mobilização do partido e dos dirigentes da FRELIMO; preparação para a luta armada de libertação nacional; prioridade no desenvolvimento de uma educação livre de ideologias e aberta a todas as camadas sociais e incremento da diplomacia junto de todos os países que pudessem alimentar a causa da libertação dos povos africanos. De acordo com os seus próprios estatutos, a FRELIMO tinha como objectivos a liquidação total da dominação colonial portuguesa e de todos os vestígios do colonialismo e do imperialismo, a conquista da independência imediata e completa de Moçambique e a defesa e realização das reivindicações de todos os moçambicanos explorados e oprimidos pelo regime colonial português. A causa da via militar utilizada pela FRELIMO baseava-se na rejeição do colonialismo como uma já longa tradição, referindo-se como “resistência” o conjunto de reacções dispersas e de cunho tribal contra a conquista colonial.

O assassinato do dirigente Eduardo Mondlane, a 3 de Fevereiro de 1969, atribuído à Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE) e a elementos dissidentes no seio da FRELIMO, provocou uma divisão no seio do partido e comprometeu a liderança política. O *Diário da Manhã* do dia 4 de Fevereiro abre a primeira página com destaque para o assassinato do “[...] chefe terrorista Eduardo Mondlane”, afirmando que o “Dirigente da FRELIMO foi abatido em Dar-es-Salam por uma Bomba de Relógio e vítima [...] de um elemento da própria organização pertencente à facção Maoísta”²⁸.

²⁸ Vide o artigo “Assassinado o chefe terrorista Eduardo Mondlane”. In: *Diário da Manhã*, Lisboa, 4 de Fevereiro de 1969, p. 1 e p. 7.

O Jornal de Notícias a ele se refere quando afirma: “Morto por uma explosão o chefe da FRELIMO”, mas sem adiantar muitas informações sobre as causas de morte²⁹.

Em palavras breves preocupámo-nos por apresentar um percurso político de um dirigente africano que teve um papel fundamental na luta pela independência do seu país. Em termos esquemáticos aqui fica uma visão das influências ideológicas e políticas que gizaram a vida e obra de Eduardo Mondlane.



²⁹ Leia-se o artigo: “Morto por uma explosão o chefe da FRELIMO”. In: *Jornal de Notícias*, Porto, 4 de Fevereiro de 1969, p.1.

